

A close-up photograph of a person's hand holding four distinct pieces of translucent, yellowish-brown stone or glass. The pieces vary in shape and size, with some showing sharp, angular edges and others being more rounded. The lighting highlights the texture and internal structure of the material. The background is dark, making the objects stand out.

2. VILA DO CONDE
NA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE

Ana M. S. Bettencourt
Universidade do Minho

2. VILA DO CONDE NA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE

Não se conhecem estudos sistemáticos sobre a Pré-história Recente do território de Vila do Conde, pois os dados arqueológicos existentes são, na maioria dos casos, resultantes de achados fortuitos e de escavações antigas ou de emergência, raramente publicadas, motivo pelo qual optámos por efetuar neste texto, uma síntese deste período à escala do Noroeste português que possibilitasse uma leitura mais didática dos dados.

2.1. O NEOLÍTICO: PRIMEIRAS COMUNIDADES TRANSFORMADORAS DO ESPAÇO

Entre os finais do 6º e os finais do 4º milénios a. C., durante o ótimo climático, de forma lenta e assimétrica, dão-se alterações significativas nos modos de vida das comunidades. Surgem novas formas de interação e de perceção do mundo, em simultâneo com a domesticação dos animais e a adoção da agricultura. Apesar destas transformações, estas sociedades são ainda portadoras de economias de largo espectro, muito dependentes da caça, da pesca e da recolção de animais selvagens e de plantas silvestres (Sanches, 1997; S. Jorge, 1999; Bettencourt, 2005; 2009).

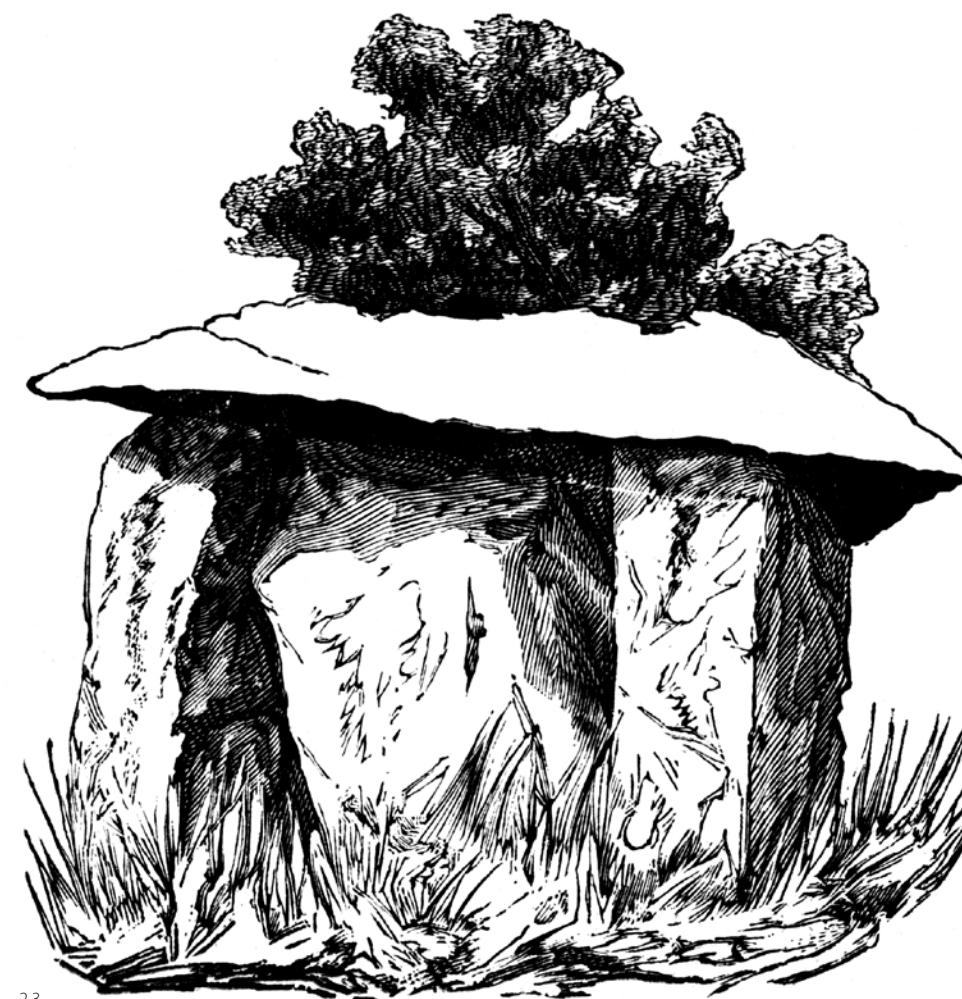
Pelo modo de vida, pela fraca expressão demográfica e por tradição, teriam mantido a disposição para a mobilidade no interior de um território relativamente circunscrito, habitando diversos povoados durante períodos de tempo relativamente curtos, pelo que não existiriam aldeias sedentárias.



2.1



2.2



2.3

No entanto, ao longo do Neolítico as comunidades foram desenvolvendo o sentido de pertença a determinados lugares. É neste contexto que se interpreta a emergência da arquitetura monumental construída em pedra e em terra que vai originar novas formas, novos sentidos e novas ações no território. Referimo-nos aos monumentos sob *tumuli* (montículos artificiais, em terra ou em pedra e terra, vulgarmente denominados por *mamoas*), providos de câmaras mais ou menos megalíticas (fechadas ou abertas, com ou sem corredor ou átrio), de âmbito sepulcral e religioso, designadas por *antas* ou *dólmenes*.

Apesar de desconhecermos as balizas cronológicas para este fenómeno no litoral, por analogia com outros locais do noroeste, inserimo-lo no Neolítico Médio e Final, ou seja, entre os meados do 5º e os finais do 4º milénios a.C.

2.1 Floresta de carvalhos típica de ambientes neolíticos. (www.123rf.com/foto_15779204)

2.2 Pastorícia – cabras.

2.3 Dólmen da Barrosa, Caminha, Viana do Castelo, seg. Carvalho, 1898.



2.4

São monumentos que transformaram fisicamente e simbolicamente o território, devendo ter funcionado como pólos à volta do qual se estruturava a vida diária e onde se realizavam práticas funerárias e cerimónias colectivas de promoção da identidade entre grupos que partilhavam o mesmo espaço.

Foram construídos tanto em planaltos como na plataforma litoral, ao longo de 1500 anos, provavelmente por diversas comunidades que partilharam o mesmo território, o que explica diferenças construtivas.

Muitos lugares de Vila do Conde foram consagrados aos mortos durante o Neolítico. Referimo-nos por exemplo, às Antelas das Alminhas e de Farilhe, ambas em Canidelo; à necrópole da Bouça do Folão, em Junqueira, do qual restam apenas a Mamoa 1 ou Casa da Moura e a Mamoa 2; às Mamoas do Mourão, em Tougues; à Mamoa da Ínsua, em Vilar e à Mamoa da Bouça de Carrazedo, em Guilhabreu (já destruída). A toponímia e a documentação histórica indiciam, no entanto, que o número destes monumentos foi muito superior ao que se conhece, conforme refere V. Jorge (1982).

Desconhecemos a maioria das características construtivas destes túmulos pelo facto de terem sido violados muito cedo ou escavados com metodologias pouco adequadas. É possível que, tal como nas restantes áreas do Noroeste, também aqui se registassem dólmenes de corredor onde teriam sido possíveis enterramentos coletivos sucessivos, assim como a manipulação de relíquias dos ancestrais mistificados.

Como é comumente aceite, o enterramento nos dólmenes de corredor destinar-se-ia apenas a alguns membros da sociedade, embora muitos tivessem participado na sua construção. Admite-se, também, que só algumas pessoas teriam autoridade para officiar os ritos associados à deposição final dos cadáveres, à manipulação dos antepassados e à gravação ou pintura dos signos que, por vezes, ocorrem nas suas câmaras, como parece ter sido o caso da Mamoa 1 da Bouça do Folão (Sarmento 1886). Tal indicia comunidades com hierarquia social horizontal, em que os indivíduos se distinguiam pelo género, idade, qualidades e habilidades.



2.5



2.6



2.7

2.4 Machado de pedra polida, Mamoa da Ínsua, Vilar, Vila do Conde.

2.5 Mó de sela (dormente e movente), Antela das Alminhas, Canidelo, Vila do Conde.

2.6 Mamoas do Fulão, Junqueira, Vila do Conde.

2.7 Mamoa da Ínsua, Vilar, Vila do Conde.



2.8

Apesar das circunstâncias das escavações de muitos dos monumentos de Vila do Conde conhecemos alguns artefactos resultantes dos ritos praticados no seu interior. Entre eles destacam-se: os micrólitos, as pontas de seta e as lâminas em sílex ou quartzo; os machados de pedra polida; os moinhos manuais moventes e dormentes; as contas de colar; os seixos rolados; os cristais de quartzo hialino e os recipientes cerâmicos, a indiciar o carácter simbólico destes objetos e da matéria-prima com que são realizados, no seio das práticas funerárias do Neolítico.

Pode, ainda admitir-se que algumas das ações relacionadas com o mundo da morte implicavam intercâmbios supra-regionais de determinadas “matérias” de grande simbolismo, como o sílex, provavelmente oriundo do Centro de Portugal.



2.9

2.2. O CALCOLÍTICO: AGRICULTORES E PASTORES EM MUDANÇA

Entre os finais do 4º e a segunda metade do 3º milénio a.C., período mais frio e seco do que o atual, ampliam-se o número de povoados no noroeste, principalmente em áreas mais baixas ou protegidas por afloramentos graníticos. Este fenómeno deverá relacionar-se com o aumento demográfico, com o desenvolvimento das atividades agro-pastoris (Bettencourt *et al.*, 2003, 2007; Bettencourt, 2009) e com distintos modos de interação com o meio. É de admitir que a pressão demográfica ainda não existisse e que as fronteiras dos territórios fossem fluidas o que facilitaria a circulação de pessoas, bens e ideias. Tal justificaria a distribuição lata de padrões decorativos similares nas cerâmicas, afinal símbolos de um universo ideológico partilhado ou reconhecido por vastas comunidades. Referimo-nos, por exemplo, aos recipientes com organizações decorativas metopadas de tipo Penha.

Durante este período verifica-se, igualmente, a construção de grandes recintos cerimoniais de muitos hectares, delimitados por fossos, paliçadas e rampas, onde as populações se reuniam ciclicamente no âmbito de presumíveis festividades de carácter religioso. Tal é o caso do encontrado na Forca, no vizinho concelho de Matosinhos.

No Calcolítico aparece, também, a metalurgia do cobre, oriunda do sul peninsular.

Em Vila do Conde conhecem-se apenas três locais deste período. Os abrigos graníticos de Monte Gentil 1 e 2, nos limites das Guilhabreu e Gemunde (Ribeiro e Menezes 2007) e a ocupação mais antiga do Corgo, em Azurara, associada a estruturas em fossas abertas no subsolo. Em ambos os sítios apareceram cerâmicas de tipo Penha. A escassez de dados sobre estes lugares, impossibilita a sua classificação funcional.



2.10

2.8 Cristais de quartzo, Mamoa da Ínsua, Vilar, Vila do Conde.

2.9 Vaso cerâmico, Antela de Farihe, Canidelo, Vila do Conde.

2.10 Vaso campaniforme (pormenor), Mamoa de Guilhabreu, Guilhabreu, Vila do Conde.

Tal como no restante noroeste são raros, em Vila do Conde, os lugares relacionados com os ritos de enterramento calcólicos, o que poderá traduzir novas práticas funerárias e a perda da importância de cenários megalíticos como elementos aglutinadores das populações. Ainda assim, os lugares dos antigos ancestrais foram frequentados e alvo de significação simbólica neste período. É o que depreendemos dos atos e cerimónias que implicaram a manipulação e deposição de recipientes campaniformes na extremidade nascente da Mamoa da Bouça de Carrazedo/Guilhabreu (Paço e Pinto 1961), e de uma ponta de cobre de tipo Palmela e de um braçal de arqueiro na Mamoa da Ínsua, em Vilar (Teixeira *et al.* 1965).



2.11

2.12

2.3. A IDADE DO BRONZE: OS PRIMEIROS AGRICULTORES, PASTORES E METALURGISTAS SEDENTÁRIOS

Período compreendido entre o terceiro quartel do 3º e os inícios do 1º milénios a.C., normalmente subdividido em Bronze Inicial, Médio e Final. As duas primeiras etapas seriam caracterizadas por um clima ainda frio e seco, mas o Bronze Final seria já um período de aquecimento climático e mais pluvioso.

A rede de lugares ocupados altera-se e amplia-se. Os novos cenários de referência física e simbólica passam a ser os povoados sedentários e alguns "espaços naturais" onde se depositam artefactos metálicos ou se colocaram estelas ou estátuas-menires. Dá-se, ainda, a apropriação de antigos monumentos megalíticos neolíticos. Esta nova forma das comunidades se implicarem com o meio estará relacionada com o aumento do sentido de territorialização, com a emergência de novas maneiras de conceber o mundo e com novas formas de promover e reforçar a identidade social e de assegurar os mecanismos de poder (Bettencourt, 1999, 2007, 2009).

Os povoados tornam-se maiores indiciando aumento populacional. Tal relaciona-se com atividades agro-silvo-pastoris continuadas o que terá provocado a diminuição da floresta e o aumento do mato, das pastagens e dos campos agrícolas. Aceita-se para o noroeste o desenvolvimento do cultivo dos cereais de Verão e de Inverno (trigo, milho miúdo e cevada) e das leguminosas (ervilhas e favas), assim como a criação de gado caprino, ovino, suíno e bovino. Estas atividades seriam completadas com a pesca, a recollecção e a extração de sal.



2.13

2.11 Ponta de seta em cobre e braçal de arqueiro, Mamoa da Ínsua, Vilar, Vila do Conde.

2.12 Vaso campaniforme, Mamoa de Guilhabreu, Guilhabreu, Vila do Conde.

2.13 Campo de cereal.

Apesar da exiguidade dos dados relativos ao povoamento da Idade do Bronze em Vila do Conde, o que se conhece enquadra-se bem nas dinâmicas conhecidas para o noroeste. De destacar o povoado do Corgo, em Azurara, com diversos hectares e várias ocupações bem individualizadas por um estudo sedimentológico recente (Ribeiro *et al.*, 2010). Aqui registaram-se restos de cabanas circulares delimitadas por troncos de árvores, fossas abertas no subsolo – frequentemente agrupadas, fossos e valados, assim como de cabanas retangulares. Estas, desconhecidas até há pouco tempo no noroeste, encontram paralelos na ocupação mais recente do povoado das Areias Altas, no Porto, assim como em níveis do Bronze Final de Punta de Muros, Corunha (Cano Pan e Filgueiras de Brage, 2010). Alguns recipientes cerâmicos do Corgo indiciam ocupações durante o Bronze Médio, sem que possamos excluir outras mais antigas e recentes.

Durante o Bronze Final existiu um povoado no esporão da serra de Stª Eufémia onde se localiza o Castro de Alvarelhos, nos limites dos concelhos de Vila do Conde e da Trofa (Moreira, 1992). Em ambos os casos existiam boas potencialidades para a prática de atividades agro-silvo-pastoris nas imediações, assim com boas condições de visibilidade sobre o território circundante.

A metalurgia do bronze, adotada apenas durante a primeira metade do II milénio a.C. (Bettencourt, 1999) acentua-se no Bronze Final em simultâneo com o aparecimento de novos artefactos metálicos e tecnologias. Estas circunstâncias revelam aumento de “contactos” entre as comunidades nortenhas, ricas em estanho, com as de outras regiões e o aparecimento de ritos e de concepções ideológicas inovadoras.

A atividade metalúrgica seria ritualizada pelo que os objetos metálicos teriam um carácter mágico. De notar que os artefactos de cobre, de bronze e mesmo os de ouro e de prata, sempre raros, aparecem quase exclusivamente em contextos sepulcrais ou deposicionais, o que acentua o seu carácter excepcional e o seu valor simbólico. cremos que os depósitos são a materialização de ações de amortização de artefactos metálicos em lugares presumivelmente sagrados e de importante significação colectiva, como determinados penedos, meios aquáticos, o próprio subsolo (Bettencourt, 1999, 2009) ou determinados montes (Sampaio *et al.*, 2009; Sampaio, 2011).

No Corgo praticou-se a metalurgia do bronze (Bettencourt, 2009) atividade facilitada pela existência de recursos de estanho a cerca de 13 e 16 Km para Nordeste (Ribeiro *et al.*, 2010), e pela sua posição no estuário do Ave, porta de entrada do cobre que vinha do exterior. De origem ou influência meridional será também o machado de apêndices encontrado em Bagunte (Paço e Vaultier, 1962; Monteagudo, 1965).

Os dados para o estudo das práticas funerárias são indiretos. Conhece-se uma reutilização na Antela das Alminhas ou de Farihe, em Canidelo, onde se terá depositado um cadinho, talvez no Bronze Inicial (Bettencourt, 2011) a revelar, simultaneamente, a importância simbólica da produção mineira no âmbito das cerimónias fúnebres e a reinterpretação cosmológica dos espaços dos antepassados.



2.14

Terá existido, ainda, uma necrópole de sepulturas planas ou de fossas no Lugar da Lagoa, Touguinha, do Bronze Médio ou Final, local de planície onde se descobriram dois vasos de largo bordo horizontal (Fortes 1908; Soeiro, 1988; Bettencourt, 2011), com indícios de fuligem interna e externa, característica típica de recipientes encontrados em contextos funerários. Tal opacidade do mundo funerário está de acordo com a hipótese de que a partir do Bronze Médio os cenários de negociação do poder e de identidade social se transferem cada vez mais para contextos conetados com a esfera dos vivos, tendo em conta a perda de importância da morte e do cadáver como referente da memória social (Bettencourt 2010a; 2010b).



2.15



2.16

2.14 Vista aérea do sítio arqueológico do Corgo, Azurara (Foto Engenho, Lda).

2.15 Vaso de largo bordo horizontal, Necrópole da Touguinha, Touguinha.

2.16 Possível Cadinho em cerâmica, Antela de Farihe, Canidelo.

Referências bibliográficas

- BETTENCOURT, A.M.S. (1999). *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*, 5 vols. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho, na área de Pré-História e História Antiga, Braga.
- BETTENCOURT, A.M.S. (2005). The early farmers and shepherds of North-west Portugal: the Neolithic and the Calcolithic/Os primeiros agricultores e pastores do Noroeste de Portugal: o Neolítico e o Calcolítico. em I. Silva e C. Mineiro (coord.), *Diogo de Sousa. Museu Regional de Arqueologia. Roteiro*. Instituto Português dos Museus. Lisboa: 28-35.
- BETTENCOURT, A.M.S. (2009). A Pré-História do Minho: do Neolítico à Idade do Bronze. In P. Pereira (coord.), *Minho. Traços de identidade*. Conselho Cultural da Universidade do Minho. Braga: 70-113.
- BETTENCOURT, A.M.S (2010a). Burials, corpses and offerings in the Bronze Age of NW Iberia as agents of social identity and memory. Em A.M.S. Bettencourt, M.J. Sanches, L.B. Alves e R. Fábregas Valcarce (eds.), *Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Paleolithic to the Iron Age in Europe. Proceedings of the 15th Crongress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, September 2006*, BAR-S2058, International Series. Archeopress. Oxford, pp. 33-45.
- BETTENCOURT, A.M.S (2010b). La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: una análisis a partir de las prácticas funerárias. *Trabajos de Prehistoria*. 67 (1): 139-173.
- BETTENCOURT, AM.S. (2011). Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular. Em P. Bueno, A. Gilman, C. Martín Morales e F.J. Sánchez-Palencia (eds.), *Arqueología, sociedad, territorio y paisaje. Estudios sobre Prehistoria Reciente, Protohistoria y transición al mundo romano en homenaje a M^a Dolores Fernández Posse*. Bibliotheca Praehistorica Hispana (BPH) XXVII. CSIC. Madrid: 115-139.
- CANO PAN, J.A. e FILGUEIRAS DE BRAGE, F.G. (2010). La Paleometalurgia del Poblado de Punta de Muros (Arteixo, A Coruña) en el contexto de la transición Bronce Final – Primera Edad del Hierro. Em E. Aguirre e E. Mata Almonte (eds.), *Cuaternario y Arqueología: Homenaje a Francisco Giles Pacheco*: Fundación Privada del Auditorio: 253-261.
- CRUZ, D. e BRITO, M. (1991). *A coleção arqueológica do Abade Sousa Maia, Vila do Conde*. Boletim Cultural da Câmara Municipal. 7. Nova série: 5-13.
- FORTES, J. (1908). Vasos em forma de chapéu invertido (Vila do Conde). *Portugália*. 2 (4): 662-665.
- JORGE, V.O. (1982). *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto. Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*. 2 vols. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Porto. Porto.
- LANHAS, F. (1969). Inventário de objetos e lugares com interesse arqueológico nos concelhos de Matosinhos e de Vila do Conde. *Revista de Etnografia*. 12 (2): 295-343.
- MAIA, A. S. (1908). A necrópole de Canidelo (Terra da Maia). *Portugália*. 2: 619-625.
- MONTEAGUDO, L. (1965). Hachas prehistoricas de Europa Occidental. *Conímbriga*. 4: 13-35.
- MOREIRA, A.B. (1992). *Elementos para a Carta Arqueológica de Santo Tirso. A estação arqueológica de Alvarelos*. Santo Tirso Arqueológico.
- MOREIRA, A.B. (2005). *O Castro de Monte Padrão. Do Bronze Final ao fim da Idade Média*, Santa Maria da Feira.

- PAÇO, A. e PINTO, E. (1961). Vasos campaniformes da Mamoa de Guilhabreu (Vila do Conde). *Vila do Conde* 2: 9-24.
- PAÇO, A. e VAULTIER, M. (1962). Notas acerca de um machado do Bronze Atlântico. *26º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Porto 1962 – Sessão VII. História e Arqueologia*. Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências. Porto, pp. 335-338.
- PINTO, P.C. (1997). *Raízes de Vila do Conde. Campo Arqueológico de Bagunte*. APPA. Vila do Conde.
- PINTO, R.S. (1927). Introdução à Arqueologia Portucalense. *O Tripeiro* 2º, nº 26 (146). III série: 24.
- PINTO, R.S. (1930). Machados de bronze das margens do Ave. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia*. 4 (3): 306-308.
- RIBEIRO, A.T. e MENEZES, R.T. (2007). O povoamento pré-histórico e proto-histórico no concelho da Maia. Primeira abordagem. *Comunicação apresentada nas 1^{as} Jornadas Arqueológicas do Vale do Neiva, Matosinhos, Outubro de 2007*. Disponível on-line em <http://cultura.maiadigital.pt/>
- RIBEIRO, H., SAMPAIO, H.A., BETTENCOURT, A.M.S, ALVES, M.I.C., NORONHA, F. e ABREU, I. (2010). Contribuição do conteúdo polínico e sedimentológico para o estudo do litoral Norte durante a Pré-História Recente: o sítio arqueológico do Corgo, Azurara, Vila do Conde. *Comunicação apresentada às III^{as} Jornadas do Quaternário – Evolução Paleoambiental e Povoamento no Quaternário do Ocidente Peninsular. Braga, 7 de Maio de 2010*. Programa-Resumos. APEQ, CITCEM, CCT/UM, CGUP. Braga, p. 15.
- RUSSELL CORTEZ, F. (1946). *Machados e outros objectos de bronze*. Museu Nacional de Soares dos Reis. Porto.
- SAMPAIO, H. A., BETTENCOURT, A.M.S. e ALVES, M.I.C. (2009). O Monte da Penha, Guimarães, como cenário de acções de incorporação e de comemoração do espaço, na Pré-história da bacia do Ave. Em A.M.S. Bettencourt & L.B. Alves (eds.), *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interacção com os espaços naturais da pré-história à actualidade*. CITCEM, APEQ. Braga: 55-76.
- SAMPAIO, H.A. (2011). O papel social das amortizações metálicas na estruturação da paisagem da Idade do Bronze do Noroeste português: os Montes da Penha (Guimarães) e da Saia (Barcelos). Em C.M.B. Martins, A.M.S. Bettencourt, J.I.F.P. Martins e J. Carvalho (eds.), *Povoamento e exploração de recursos mineiros na Europa atlântica ocidental*. CITCEM, APEQ. Braga: 31-53.
- SANTARÉM, C.F. (1952). Algumas peças inéditas do Museu Abade Pedrosa. O Concelho de Santo Tirso. *Boletim Cultural*. 4 (3): 169-177.
- SANTARÉM, C.F. (1956). *Santo Tirso. Ligeiros apontamentos para uma monografia*. Santo Tirso.
- SARMENTO, F.M. (1886). Aditamento à notícia arqueológica sobre o Monte da Cividade de R. Severo e A. Cardoso. *Revista de Guimarães*. 3: 141-146.
- SARMENTO, F.M. (1901). Cartas de Martins Sarmento a José Leite de Vasconcelos. *Arqueólogo Português*. 6: 41-47.
- SOEIRO, T. (1988). A propósito de quatro necrópoles proto-históricas do concelho de Esposende. *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura* (1985). Câmara Municipal de Esposende. Esposende, Volume 2, pp. 35-62.
- TEIXEIRA, C., MEDEIROS, A.C. e ASSUNÇÃO, C.T. (1965). *Carta geológica de Portugal na escala de 1:50 000: notícia explicativa da folha 9-A: Póvoa de Varzim*. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.